

# O PROGRESSO CATHOLICO

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA.

## SUMMARIO :

*Acerca dos regicidas*, pelo padre Senna Freitas — SECÇÃO RELIGIOSA: *Religião do futuro*, pelo Conde de Samodães; *O Domingo*, conclusãõ, pelo padre Senna Freitas; *Brevs considerações sobre o estad presente da Egreja em Portugal*, pelo padre Martins Capella — SECÇÃO SCIENTIFICA: *Ajuste de contas com o positivismo materialista contemporaneo*, por Zepherino Gonçalves. — SECÇÃO LITTERARIA: *Na praça da Concordia*, pelo padre F. Sanches — RETROSPECTO DA QUINZEANA, por J. de Freitas.

## GUIMARÃES 15 DE DEZEMBRO

Os reis ás feras! Os reis ás feras! Diocleciano está ultrapassado pelo socialismo. O circo é o mundo, os christãos são os chefes dos Estados, as feras são homens que temperaram a fronte na agua do baptismo. Vamos! Aguçai bem os punhaes, e hervei-os para maior segurança, examinaei de espaço as capsulas de vossos revolvers, que não falhem. Feri, ferí direito ao coração dos monarchas, aliás comprometter-se-hia a obra suprema e almejada da liberdade, do progresso, da perfectibilidade e da felicidade sociaes!...

Que crime commetteram, pois, os reis? Um grande crime, um crime enorme, que só no sangue pôde ser lavado, que só pode punir a ponta vingadora dos vossos estyletes de aço. Qual crime? O de vos dar fóros de cidadãos, e de vos proteger, nihilistas, o de vos aquecer no seio, viboras da sociedade. Saturno devorava os proprios filhos, vós devoraes os que vos teem protegido, e sido já vossos grãos-mestres.

Se esses punhaes não serviram para lhes arrancar a vida, seria ao menos desejavel que servissem para lhes descerrar os olhos.

Cinco tentativas de assassinato dentro d'um anno, das quaes tres em pouco mais de mez; duas contra o imperador Guilherme da Prussia, uma contra D. Affonso 12 de Hespanha, uma contra Humberto de Italia, e uma contra o presidente da republica do Perú.

E' magnifico, esplendido, e digno da edade aurea da civilisação! A hu-

manidade, de evoluções em evoluções, disse a final a sua ultima palavra, chegou á perfectibilidade do tigre. Só falta agora uma exposiçãõ universal para a moral, como a ha para a industria. E' indesculpavel a lacuna; Hoedel, Nobiling, Oliva, Passavanti, teriam obetido, como hontem Makart na pintura, a medalha d'honra do heroismo até ao sublime da virtude.

Não ha que duvidar, o regicídio torna-se um contagio. Pobre povo! Em nada lhe augmentaram seus regeneradores o bem-estar moral e material, conseguiram, porem, povoar-lhe de sombras a consciencia, para recrutarem entre essas sombras os heroes do revolver e da adaga: com que frialdade o empurram desde a officina até ao cocho dos soberanos e de lá até á guilhotina ou até nos climas assassinos!...

A'vante, homens do seculo XIX: descobri o phonographo, estudaei a natureza do sol, alumiaei electricamente as vossas cidades, sulcaei-as de caminhos de ferro, orientai o aerostato, librai nos ares a cúpula soberba do Trocadero, e desprezai a disciplina das almas, que todas essas luzes se hão-de apagar sem custo, e voarão vossos caminhos de ferro sob a acção da dinamite. Oh seculo XIX! (dizei com o chronista da Illustração Hespanhola) em quanto fabricas theatros, promoves exposições, anatomisae corpos e jogas na Bolsa, um insecto humano insensivelmente vai roendo a moral, á qual dá de rosto, aturdido pelo estrondo das machinas, pelas ovações das tribunas, e pelos eccos das festas. Sociedade desventurada, quando sentires a tous pés o formigueiro d'esses insectos subterraneos, já elles te terão destrógado todas as raizes.

Que abysmo se abre a nossos pés! Orgulhosos e vãos, haviamos julgado encontrar a fórmula do progresso, e a chimica social vai descobrindo que com os mesmo elementos com que pretendiamos elaborar rapidamente a civilisação, se combina a barbarie na retorta do socialismo.

Mas dominemo-nos, e raciocinemos a sangue frio.

E' realmente mister um estoicismo de novo genero, todo o estoicismo da

perversidade para levar a idéa politica até ao assassinato de pessoas que tão pouco nos odeiam ou nos ultrajaram que nem sabem da nossa existencia. E foi provavelmente esta fatal ignorancia que armou os braços de Oliva e Passavanti. Queriam ser conhecidos do rei, queriam ter a importancia ministerial que peza seis ou oito contos annuaes no bolso, sem callejar as mãos, como o officio de tanoeiro nem esbrasear a face como o de cosinheiro o faz, e entenderam que a ponta d'um punhal ou a bocca d'um revolver era o talisman infallivel que produziria esta magnifica transformaçãõ.

Deus, porém, vela pelos que se acham á frente das nações, vela por elles a honradez do povo, cujo instincto de ordem ainda não está viciado, e até na consciencia do criminoso vela aquella voz indomavel do remorso que o tortura.

Que attracção funesta exercem em certos animos as grandes cathogorias sociaes, já a imperial como na Allemanha, já a presidencial como no Perú, depois da dos Estados-Unidos e do Equador? E' que nos redemoinhos humanos succede o mesmo que nos da atmospherã, o pó levanta-se. Quando, todavia, semelhantes attentados se dirigem não só contra os chefes dos Estados, mas até contra as proprias instituições, muita insensatez é necessaria para crer que está ao arbitrio de um malvado mudar em um momento, com um tiro de pistola, as fórmulas dos governos. Caem ás vezes os thronos e as republicas sob o golpe de uma tormenta popular, nunca debaixo do golpe do vil regicida, que em lugar de derruir consolida, accorda os nobres instinctos do senso moral, provoca as reprovações da indignaçãõ, e converte a indifferença em applausos populares. Não; não está á mercê d'um espadachim d'esboscada, nem d'um galé de amanhã rasgar a seu talante a historia e atear o facho das sedições que tumultuam e desaugram os povos. No mesmo dia em que as vidas de Affonso 12 e Humberto eram expostas á demencia polica dos regicidas, a Hespanha e a Italia foram testemunhas das ovações de que seus monarchas eram objecto. E' assim que as reacções es-

tam na razão directa das acções que as provocam; o delirio de um teve para logo a sua contra-prova, ou melhor a sua antithese no santo entusiasmo de todos, e a consciencia publica triumphou das monstruosas aberrações d'uns miseraveis orphãos da razão.

Possam, ao menos semelhantes tentados desilludir por uma vez as illusões dos homens dos thronos, dos utopistas, dos sociologistas de vinte annos cuja imaginação é um volcão de chimeras, e sobretudo do eterno illudido, o pobre, sim, o pobre povo.

Ahi tendes a pedra de toque; eis o fructos dos preconizados principios de um liberalismo requintado, que vive de odio, e só raciocina pelo punhal e pela escopeta. A crise é solemmissima como um cyclone imminente sobre o globo. Ou Catholicismo ou morte social, ou a ordem que desce do seio de Deus atravez dos labios de seu Vigario, ou o horror da anarchia que sobe do inferno atravez da alma prescisa dos socialistas.

A disjunção impõe-se; ou metter á internacional uma camisa de força, ou a hecatombe social, e depois d'ella o cahos.

PADRE SENNA FREITAS.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### Religião do futuro

Ninguem ignora que existe uma escola philosophica moderna que se intitula—escola positivista—. Tem ella ainda grande voga, apezar de violentamente combatida, não só pelos escriptores catholicos, mas até pelos livres pensadores, como se pôde ver em repetidos trabalhos publicados na «Revista dos dois Mundos», jornal de inportancia incontestavel, e que é o alcorão de grande numero de litteratos e sabios, que não procuram as boas letras nem a sciencia com outra origem.

Essa philosophia positivista tudo poderá ser, menos philosophia; nada do que caracteriza esta sublime concepção do espirito humano se encontra nos preceitos constitutivos da escola; quanto muito é um methodo, um systema, mas nunca uma escola philosophica.

Tem adeptos entre nós, e, na nossa Universidade grande numero de professores se jactam de positivistas, e como tacs se apresentam ante seus discipulos—Fóra da Universidade, em outros estabelecimentos superiores de ensino, o chamado positivismo é o que inculcam professor os mestres, que ahi ensinam.

Como methodo é uma verdade que

o positivismo seduz, e nas sciencias experimentaes mal se pôde progredir com segurança, afastando-nos dos seus principios, pois é forçoso entrar no estudo d'essas sciencias com o animo despreoccupado, e isempção de preconceitos.

Assim na chimica não é a priori que havemos de julgar da composição dos corpos, mas sim pela experiencia, pela observação, havemos de concluir a lei das proporções multiplas, a das atomicidades, e examinar-se-ha ou não um corpo, cujos atomos sejam realmente primos, sendo estes elementos os divisores communs de todos os atomos de todos os outros corpos, ou estes sejam compostos ou ainda considerados simples no estado presente das experiencias.

Assim na theoria da luz não é por ideas anteriores que havemos de entrar na analyse espectral, mas é pelo exame dos phenomenos que havemos de concluir as leis, que os regem, e as theorias que d'elles dão razão sufficiente.

Quando o positivismo nos diz que a sciencia não pôde occupar-se senão dos factos que observa, e que não lhe cumpre affirmar senão aquillo que pôde provar, estamos bem, porque realmente não se deve exigir mais de quem estuda a natureza nas suas multiplices manifestações.

Mas por isso mesmo que a sciencia não tem meios para dos factos subir até ás cousas finaes, é forçoso que ella reconheça os limites que lhe estão traçados, e não vá invadil-os, tentando destruir o que pertencendo a uma esphera superior não cabe dentro d'aquella que pôde ser estudada pelos meios experimentaes.

D'est'arte pensou o positivismo que tinha descoberto as gerações espontaneas, fundando-se em certos factos, todos occorridos na atmosphera commun. — Fizeram-se experiencias em lockes onde o ar depurado não estava em communicação com a atmosphera, que nos circumda, e a vida espontanea não se manifestou em nenhum dos casos, em que antes os positivistas a observaram.

Que o positivismo se circumscrevesse ao estudo de tudo quanto pertence ao mundo phisico, e effecta immediato ou immediatamente os sentidos, não se pôde censurar; mas a verdade é que sob estas apparencias modestas, elle desde o seu começo tenta invadir outros terrenos e devassar mais amplos horizontes —, e partindo do presupposto que é falso tudo quanto não possa demonstrar-se pelo seu methodo experimental, trata de formular preceitos meramente subjectivos,

que não tem em seu apoio senão a imaginação de quem os architecta.

Como poderia eu provar que existio D. Alfonso Henriques, D. João I, D. Sebastião, e até D. VI senão pela auctoridade historica, que é bem diversa da demonstração experimental, ou da demonstração racional?

A credulidade é um grave defeito, mas o scepticismo é sem duvida mil vezes mais nocivo.

O que é todavia curioso que é tão escrupuloso na admissão do que ensina, preoccupa-se de religião e não da religião do passado, ou do presente, mas sim da religião do futuro.

Só o celebre auctor da philosophia do inconsciente, o famoso Hertmann, escreveu sobre esta religião do futuro, e as conclusões, theoricas a que chegou transformou-as na practica, abraçando a religião de Mahomet, como a mais conforme com a razão e harmonica com o positivismo e a philosophia do inconsciente. Deste modo, e a exemplo d'esta grande auctoridade, que tanta importancia conquistou nos ultimos annos, a religião do futuro é já uma religião do passado, que conta mais de doze seculos, e que se denomina islamismo. E se a obra dos califas teve de recuar ante o braço de C. Martel, e de destruir-se pela acção crescente e possante da civilização christã, ficando como patrimonio exclusivo de povos barbaros, é possivel que venha a recommençar sob a influencia da philosophia positivista, ou da sua filha, a do inconsciente.

Os nossos positivistas tambem pela sua parte se preocupam com esta religião do futuro, e d'isto nos offerecem amostra em uma recente publicação periodica, com que procuram dissipar as trevas, que existem nos seus contemporaneos.

Não quorem elles cousa que se aproxime de theologia ou revelação.—Do christianismo não acceitam cousa alguma—O catholicismo consideram-no dogmatico, imperativo, solidamente constituido, mas insustentavel ante o positivismo, que não admitto senão aquillo que a experiencia pôde demonstrar. Do protestantismo ainda menos recebem quacsquer elementos religiosos, pois, e n'isto estão de accordo connosco e com o bom senso, o olham como muito mais fraco, vacillante, incerto, e dissolvente.

Mas a religião ha-de subsistir sem embargo de todos esses defeitos e embaraços. Ao positivismo cumpre formulal-a e fazel a acceitar. Essa religião denominar-se-ha—da humanidade— e será muito mais benefica, civilizadora, proveitosa e solida do que todas as religiões até aqui conhecidas. Eis aqui o programma da religião

do futuro; resta preencher os capitulos, o promulgar-a; é o de que estão tratando os nossos positivistas. missão que elles se impozeram, e que sem duvida desempenharão por modo esplendido e a contento de todos...

Quando aconselharam a Napoleão, o grande, que promulgasse elle uma religião, respondeu que não estava disposto a subir ao Calvario; e sem embargo esse homem era aquelle a quem os seus lisongeiros disseram um dia que era elle tão grande, que na sua presença a terra era um ponto e a eternidade um momento!

Apezar de incensado por este modo tão claramente idolatra, o seu bom senso e o conhecimento da propria fraqueza aconselharam-lhe que se não fizesse ridiculo, formulando uma religião.

Os nossos positivistas não se assustam com tão pouco, e contam legislar para o futuro, fabricando uma religião positivista, sem theologismos nem mysterios.

Ha enfermidades mentaes que são mais funestas do que as corporaes. São muito mais difficéis de curar e de ordinario nunca deixam completamente são o espirito.

Passou essa enfermidade sobre muita gente que se diz progressista. Para ella o christianismo foi um progresso, mas não a perfeição — A' philosophia pertence continuar n'esse caminho de adiantamento.

A philosophia do passado nada deu de importante, e o christianismo eclipsou os seus maiores triumphos.

Dizem os actuaes philosophos que o defeito provinha de não terem descoberto o positivismo. Encontraram-no elles, e por isso vão aperfeiçoar o que o christianismo deixou em meio.

Eil-os a imaginar uma religião do futuro e para isso começam o seu apostolado precoce.

Elles querem ser prophetas e nós tambem o vamos ser, e com certeza com mais certeza de que o futuro nos não desminta.

O positivismo vai passando o passará de todo; a religião do futuro será a religião catholica, apostolica romana, cujo Chefe visivel será um Padre, que se chamará Pio, Leão, Gregorio ou o que fôr, mas cuja missãõ será a de S. Pedro principe dos Apostolos.

Aqui está a prophacia feita por quem não é propheta nem na sua terra nem fóra d'ella.

CONDE DE SAMODÃES.



## O Domingo

Continuamos e concluímos hoje o

nosso artigo sobre a observancia do Domingo. Transportamol-o do nosso artigo de fundo (que reclama imperiosamente outro assumpto actualissimo) para a «Secção religiosa» d'esta folha.

Fallamos, no precedente numero, do Domingo, considerado nas suas relações com o bem estar e a felicidade individual. Prosequiremos no mesmo scópo, encaral-o-hemos hoje nas suas relações com a *familia* e a *sociedade*.

A familia! que santuario intimo de paz, de ventura e santos affectos não é ella, quando paira sobre o lar domestico o olhar protector d'um Deus, e o consagra o cumprimento dos deveres do christianismo!

Sou só no meu pobre cubiculo, e fóra d'elle a minha familia é o altar, e com o altar a humanidade, e com a humanidade todas as classes, todas as relações, e todas as dores sociaes; mas se eu pudesse conceber uma sombra mais doce e auspiciosa que a do altar, fóra a de uma familia christã; e se eu pudesse invejar uma existencia tam sublime como a do padre (no seu divino ideal) fóra a que eu mesmo deslissasse entre esses entes queridos, ligados pelo triplice cimento do sangue, do amor, e d'uma crença commum, abençoados pelas perennes complacencias do Pae universal.

Ora o dia por excellencia da familia é com certeza o Domingo.

E' aquelle em que o esposo pertence á esposa, o irmão ao irmão, os filhos ao pae, e o pae aos filhos; ah! sobretudo o pae aos filhos! O astro da familia é o pae, astro errante por seis dias, a quem o movimento dos negocios domesticos obrigaram, por assim dizer, a descrever uma parabolica mais ou menos distante do seu centro, e a quem o Domingo restitue ao seu verdadeiro foco, restituindo-o ao centro da familia.

Como o coração se lhe abre no meio d'aquelles fructos adorados do seu amor, e como se compraz em affagá-los!

Com que desvanecimento não contempla o seu proprio retracto n'essas imagens que o turbilhão da vida exterior tornára fugitivas aos seus olhos.

Chama-as para junto de si, assenta-as sobre os joelhos, e troca um momento as relações do mundo em que a alma tantas vezes deixa uma parte de sua probidade, pela conversação infantil, innocente e deliciosamente jovial dos filhos, que lhe faz deslembrar e até extinguir os dissabores da semana.

Como se apraz, como se ufana de vê-los tornarem-se, sob a irradiação do seu olhar, do seu affecto paterno e da sua palavra, mais intelligentes, amu-

veis e respeitosos; e como elle proprio se sente mais casto, honesto e feliz, sob o influxo d'esta scena augusta, em presença dos objectos que lhe recordam o seu tremendo sacerdocio, e parecem resuscitar-lhe n'alma um raio do augusto sacramento que recebeu á face dos altares!

E agora pergunto:—«Que dá o seculo ao filho do povo a troco do Domingo e das doçuras d'osse dia de que o priva?»

A philanthropia anticatholica toma a palavra e responde:—«Damos-lhe o bem estar material, a felicidade do corpo, isto é, o positivo da vida, porque tudo mais é pura miragem.»

Bem, e cumpres tu a promessa ao menos?»

Quem tem o poder de produzir eficazmente o bem-estar material que tu alardças de trazer ao povo nas dobras do teu manto dourado?»

Eu digo e affirmo que a observancia do Domingo concorre para esse bem-estar muito mais que os teus especiosos programmas, que continuam a permanecer uma utopia irrealisavel e uma ironia pungente.

Que quer o seculo para a felicidade do povo? Diminuir a fadiga do corpo, e desenvolver a cultura da intelligencia? decuplar o salario e os productos? dar maiores ensanchas á liberdade, e cercear o mais possivel a cervidão? Arrancar o pobre á ambição do opulento? estabelecer entre todas as classes o equilibrio vital, pelo equilibrio dos recursos?»

Pela imposição da lei do repouso dominical, a Igreja longe de contraminar qualquer d'estes fins, promove, ao contrario, singularmente a sua execução. Supprime um dia inteiro de trabalho, e ordena ao homem um repouso que lhe remoça o corpo e rejuvenece a alma, convidando-a aos exercicios meramente intellectuaes de que andou ferida durante a semana, pelo predominio da materia sobre ella.

O trabalho representa um valor que se envilece como outro qualquer, uma vez prodigalisado; a Igreja diminuindo-o, requinta-lhe o preço, e, pela propria força das cousas, leva o operario a ganhar em seis dias o que lhe é mister para viver sete.

Por outro lado duplica o poder da producção, moderando sabiamente as suas evoluções pela alternativa da inercia e do exercicio. Mais. Cada semana pede a Igreja a tregoa d'um dia á escravidão popular. No domingo tira do cima da cerviz do proletario o jugo do homem para só lhe deixar o jugo suave de Deus, e faz do parasita do salario um homem livre, que nivella, n'uma egualdade sublime, com a condição do seu senhor, sob a mão do me-

mo Deus. Tu dizes, philantropia anti-christã, que só queres a liberdade do proletario. Ironia amarga! Como assim! a liberdade de lhe esphacelar o corpo pelo excesso do labor... a liberdade da escravidão. ., a de collocar o miseravel trabalhador entro a apostasia do seu dever religioso e a impotencia de viver! Horrivel liberdade, que para ti é de flaccido arminho e para elle orriçada de espinhos. Quem despedaça, pois, a grilheta do operario para trazel-o á casa do pae de familias, e banhal-o longe do antro da servidão, ao sol da liberdade niversal? A Igreja.

Arranca-o á ambição do opulento e ás garras insaciaveis do seu egoismo: vai ter com o dono da officina, da loja, da propriedade urbana ou rural, e diz-lhe: — «Basta! cessa de te enriquecer e de o esmagar; sabe que esse homem, embora pobre, não é um machinismo construido para te bastecer o cofre, mas um ente como tu creado á imagem e semilhança de Deus, para glorificar o seu Auctor.»

Por esta forma a Igreja fomenta com uma simplicidade maravilhosa cada uma das aspirações que a economia social reclama para o povo e realisa sem apparatusos programmas tudo quanto esta promete sem o cumprir. Todas estas observações, com quanto justissimas, parecerão talvez suspeitas; seja! E querei-las vós insuspeitas, insuspeitissimas?

De bom grado nos vamos dar ao trabalho de traduzir do francez alguns notaveis entrechos d'um opusculo cujo autor vos diremos em tempo oportuno.

Ahi vai o primeiro:

«A alegria do Domingo espalha-se sobre tudo: as dôres, mais solennes então, tornain-se porisso mesmo menos lancinantes; os pezaros menos amargos; o coração enfermo acha nas suas proprias penas uma suavidade desconhecida. Os sentimentos elevam-se e purificam-se; os esposos recobram uma viva e respeitosa ternura, o amor materno os seus carinhos, a piedade dos filhos inclina-se com mais docilidade sob a auctoridade das mães. O creado, este movel de figura humana, inimigo nato de quem o traz assalariado, sente-se mais dedicado e fiel; o patrão mais benevolo e menos duro; o camponez e o operario, que una vaga suspeita d'igualdade atormenta, mostram-se mais contentes da sua sorte. Em todas as condições o homem retoma a dignidade que lhe é propria, e no infinito dos seus affectos reconhece que a sua nobreza é alta de mais para que a distincção das clases possa degradal-a e aviltal-a.»

O auctor, quem quer que seja, falla tão bem, que com mil vontades lhe damos de novo a palavra:

E' no Domingo que o caracter do padro brilha em todo o seu esplendor, no que tem de mais conciliativo e apostolico. A visita do parcho é festa pasa una familia d'aldeia. Quantos doentes então consolados, quantos pobres soccorridos, quantos infortunios dulcificados, odios extinctos, inimigos congraçados, esposos conciliados, pelo intermedio do parcho (1) !... Ora o padre não dispõe de todos os seus momentos, mormente no campo; é força que os colha, por assim dizer no voo, e é no Domingo que mais facilmente lhe é dado fazel o; é no Domingo que pódo ver como o seu ministerio se utiliza a bem dos seus parochianos, e como as suas obras produzam forinosos e sazoados fructos; é no Domingo que descobre todo o bem que lhe é possível realisar.

«Para os espiritos frivolos é esse dia um dia de insupportavel desoccupação, de vacuo horrivel: accusam a lenteza de horas improductivas, que não sabem em que gastar... D'aqui as invenções da devassidão, e as monstruosas alegrias da crapula... Queixem-se de si os que experimentam esse entorpecimento que os torna estupidos, essa inconsistencia d'intendimento e de coração que os esgota, essa paralisia surda que os mina. Quando o companheiro da alma repousa, esta cobra mais força; teme, se não souberdes dar um alimento á sua actividade devoradora, que ella se define e consuma... Feliz do homem que sabe encerrar-se na solidão do seu coração! E' n'esses momentos que julga sãmente de tudo, que a consciencia se lhe retempera, que a sua vontade se fortifica, que sente a virtude desabrochar no intimo d'alma seus nobres instinctos; é então que entra em commercio com Deus, que aprende d'Elle, em dialogos desconhecidos do commun dos homens, o que é VIVER e o que é MORRER.

Como então se reduzem todas as cousas ao seu justo valor!

«Alem d'isso, o repouso é o pae do movimento, o gerador da força, e o companheiro do trabalho. O repouso tomado com moderação e a tempo, sustenta a coragem, vivifica o pensamento, revigora e torna invencivel a virtude...

(Atenção, leitor!)

«O que mais importa, porém, notar é essa periodicidade fixa e regular,

(1) Ainda mesmo entre nós ha d'esses parochos; ninguém o duvide.

que corta, com intervallos iguaes, a successão das obras e dos dias. Qual a razão d'esta constante symetria?

Para que seis dias de trabalho antes que cinco ou sete? Porque a semana em vez da decada? Que estatistico foi o primeiro a observar que em tempo ordinario o periodo do trabalho deva estar para com o periodo do repouso como 6 para com 1, e consoante que leis? Qual foi o estatistico que soube verificar que estes dous periodos devem necessariamente alternar-se, e porque?... Diminui um dia da semana, o trabalho é insufficiente comparativamente com o repouso; augmentai o na mesma quantidade, torna-se excessivo. Estabelecei de tres em tres dias meio dia de folga, multiplicareis pelo fraccionamento a perda de tempo,

dividindo a metade natural do dia, despedaçais o equilibrio numerico das cousas. Estabelecei, pelo contrario, quarenta e oito horas de repouso depois de doze horas consecutivas de tarefa, matais o homem pela inercia depois de o haver esgotado pelo cansaço...

Quem pensais vós que assim falla? Não parece essa a linguagem convicta e christã d'um padre da Igreja, de um apologista da religião, d'um theologo que escreve para popularisar as doutrinas e preceitos do Catholicismo? Pois quem disse aquellas verdades, foi... PROUDHON! (2) o hydrophobo do catholicismo, Proudhon, o autor de «Deus é o mal», mas, apezar d'isso, talento enorme, e notavel pensador, que mais que nenhum dos escriptores contemporaneos, se interrompeu na faina de perpetuo ladrador contra a Igreja, para lhe tecer os mais soberbos e incrivolis louvores, como uma irreprezavel explosão da sua alta intelligencia rompendo todas as barreiras convencionaes de um miseravel scepticismo.

P.º SENNA FREITAS.



## Breves considerações sobre o estado presente da Igreja em Portugal

### II

#### O FRADE

— A que proposito virá o frade n'umas descosidas ponderações sobre o estado actual da Igreja n'estes reinos

(2) PROUDHON — *De la célébration du Dimanche considéré sous les rapports de la morale, des relations de famille, etc. 4.º édition, chez Garnier-frères — Paris.*

de Portugal o Algarves? Entra ahi tão de molde como *Pilatus no credo*.

—O *frade*, senhores meus, não vem aqui certamente porque o tenhamos de casa; vem porque falta, e è, salvo o erro, quando a gente vem mais a proposito.

A' mesa do pae de familias fica de vago por muito tempo a cadeira e o talher do filho ausente. Um dia voltará esse moço e com elle a plena alegria do lar domestico. Entretanto, é consolação dos velhos paes e cortezia dos hospedes levar a conversa para o suspirado advento, por ser assumpto de predilecção.

Quanto a mim, tambem o *frade* que se ausentou de Portugal, vai n'uns quarenta e tantos annos, ha-de voltar a final. A prova está em que ninguem pôde ainda encher o logar por elle deixado; nem mesmo o *barão*, o *engenheiro* e o *agiota*, sibyllina tripeça d'onde este seculo XIX *bota* seus oráculos e governa o mundo.

Ora como a *natureza tenha horror do vacuo*, segundo velhas averiguações, sogue-se que, mais cedo ou mais tarde ha-de prover de remedio enchendo a lacuna.

Isso é infallivel, quanto a mim que n'este ponto, vou com o povo que diz: o que tem de ser pôde muito; é inutil lutar contra a natureza e o senso commum conjurados.

Mas emquanto não chega de vez o bom do *frade*, vamos conservando de suas boas manhas como quem muito lhe quer, muito ama a justiça, respeita a verdade e não se deixa conduzir a sabôr de ruins paixões.

A primeira pergunta que occorre n'esta materia, é assim formulada: porque razão nos levaram os *frades*?

—De muitos modos e por diferentes theores se usa responder a esta simples pergunta.

Notam alguns que as *religiões* ao tempo da sua extincção, haviam desido a um estado deploravel de relaxação, e que por isso... Querem outros que o *frade* fosse eliminado como algo de bem nocivo á civilisação, teimosamente obscurantista, retrogado, cabeçudo, incorrigivel n'uma palavra: Outros — os economistas, que nos tem posto por portas, seja dito de passagem — additam grave e conceituosamente que o *frade* foi bem *desamortizado* por ser um consummidor inproductivo: Os ingenuos tirantes a bons homens tem para si, que foi por os *fradinhos* serem inimigos jurados do *feliz systema*; e que em semelhante collisão *morra meu pae que é mais velho*.

Por outro lado, não falta quem veja na extincção das ordens religiosas

um golpe descarregado pela maçonaria na Egreja Catholica: Ha quem, mais propenso a *explicações positivistas*, sustente que apenas houve tentativa de fazer não-baixa nos bens conventuaes, para fartar esfomeados por longa inedia, e pagar imprestimos onerosos. Ao fallecido bibliothecario de Braga, M. Rodrigues da Silva Abreu, caracter honestissimo e liberal convicto, ouvi eu mais d'uma vez conceituar que a ruina dos *frades* lhes adveiu da sua muita illustração e nobre independencia.

Por fim não omitirei a passagem do nosso Garrett, especie de mediador-plastico entre as duas ordens de versões, repartindo as custas pelas partes, como juiz inclinado á equidade um pouco peitado tambem, valha a verdade.

Quiz o engraçado autor das *viagens na minha terra*, como todos sabem, que o *frade* o perdeu não comprehender elle o seu seculo; nem o tal seculo comprehender o *frade*!

Seja.

E' verdade que eu, por meu turno não *comprehendo* grande cousa da tal mutua comprehensão, e parece-me por demais vaga e allemã semelhante explicação; a cousa porém ha-de ser assim, visto que elle o disse.

O decreto da extincção, se bem estou informado, allegava a inutilidade do *frade* como razão mais de valer.

Esta razão, com ser um pouco vesga, parece se poderá traduzir no seguinte, dizendo:

«Cortem-me lá essa figueira que não dá figos.»

Aqui apenas temos uma differença-sita que manda a justiça signalemos, e por onde se vem no conhecimento que a tal razão, com ser de ministro d'Estado, pôde muito bem passar por uma *razão de cabo d'esquadra*.

A differença consiste em que o *frade* tem um pouco mais direito á existencia que a *figueira*; ou o que vale o mesmo, não pôde expropriar-se por utilidade publica a liberdade d'associação religiosa com a mesma facilidade com que o lavrador arranca a figueira infructifera. cuido eu. Os nossos sabios em *philosophias de direitos* dirão so laboro em erro.

Demais, se não foram creaturas do Estado as ordens religiosas, d'onde lhe veiu a elle o direito do se inquietar da pouca ou nenhuma *utilidade* que de taes institutos advinha nos associados? Pois não era aos proprios *frades* como directamente interessados e á Egreja sua mãe e mestra que tocava dirimir esse pleito?

Se o fim de taes instituições era primaria e principalmente religioso,

quem auctorizou o Estado a decidir que fosse inutil o consequimento de esse fim, ou que tal consequimento se não realisava? quem o constituiu juiz n'estas materias?

Havia de ter graça se um bello dia o snr. Estado entrasse ahi na companhia das Agoas, de Lisboa, e tomando-lhe os fundos e respectiva papelada, declarasse dissolvida a companhia por *inutil* aos accionistas; e despedindo-os cortezmente, os certificasse de que lá ficava elle para arrecadar e liquidar o espolio, tudo em puro beneficio d'estes nescios que não atinam a bem collocar o seu dinheiro.

Em verdade que tamanha solicitude seria muito d'agradecer, se não fôra impertinente, desafortadamente estrambotica.

E contudo, foi animado d'este paternal cuidado que o estado veiu em auxilio do *frade*, livrando-o generosamente d'aquellas peias do claustro, desembaraçando-o da administração dos proprios bens e do cumprimento da regra — tudo pura inutilidade! Do mesmo modo que um *caballero* de Sierra Morena allivia philanthropicamente o viandante do peso da bolsa; ou como Victor Manuel dispensou o Papa de governar a sua casa.

São estes uns favores bem singulares na verdade!

Favores que o favorecido não péde, que dispensa, que repelle; e que por tanto vem a ser feitos d'arrepio, á força d'armas!

Dando de barato a *competencia* do matador de *frades*, benemerito extirpador de *inutilidades* monacaes, parece-me que o *util* não é lá de todo a *suprema lei*. Acima d'esta divindade tem assento o *justo* e o *honesto*.

Verdade seja que esta doutrina não se recommenda pela novidade, e tanto que se bem me lembro, já aquelle reaccionario de M. Tullio architectara umas theorias parecidas no seu livro *De officiis*; sem prever, o caturra! que em pleno seculo das luzes mudaria o senario com grande descredito seu; pois havia de subir de posto a *moral do interesse*, usurpando logar e culto ás suas antigas rivais.

Que querem?!

Se o *justo* e *honesto* tem de mais a mais a pecha de não ser perfeitamente *positivo*, ao passo que o *interesse*... ora! ha lá nada mais tangivel, de mais facil comprehensão, e mais genuinamente positivo?

Portanto, «pereçam os deuzes que não tem adoradores.»

O *frade* ora *inutil*? pois morra o *frade*!

Esta edificante doutrina teve ultimamente dois brilhantes interpretes

nas pessoas d'um tanoeiro e d'um cozinheiro.

Que faria se fossem philosophos do ultimo figurino!

Era occasião agora d'inquerirmos de qual especie d'utilidade se lembrou o ministro referendario do decreto de 28 de maio de 1834. Isso porém levar-nos-hia a maiores divagações.

Consignemos o facto, que he n' o mereço, e voltemos n'outro dia ás razões aduzidas para motivar o caso de que nos vimos occupando.

P.º MARTINS CAPELLA.

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### Ajüste de contas com o positivismo materia- lista contemporaneo

#### IV

(Continuação)

Julgá-se-ha, sem duvida, que o positivismo materialista apoia uma affirmação tão grave, tão transcendental de sua natureza, em uma serie de factos experimentaes, irrecusaveis, precisos e absolutamente concludentes em favor de sua these, sobre tudo fazendo profissão de não affirmar nem negar cousa alguma que não se ache directa e explicitamente attestada pela experiencia sensível. Muito se equivocaria, sem embargo, quem tal pensara. Leam-se as suas obras sobre este ponto; leam-se os capitulos de Büchner que têm por epigraphe: *Cerebro e alma, intelligencia*, e só se achará uma serie de factos e de experiencias, segundo as quaes, as manifestações da intelligencia no homem, se acham em relação com o movimento, a fórma, o péso, a composição e organização do cerebro. Certamente que este escriptor não necessitava de se incommodar para acumular taes factos e experiencias, porque a verdade é que desde que ha philosophos, e até podéra dizer-se, desde que ha homens, é uma verdade vulgar que existe certa correlação entre determinados estados do cerebro, e a manifestação ou desenvolvimento do pensamento. Tanto uma como outra escola, a materialista como a espiritualista, convêm nos factos e na consequencia immediata, directa e unica legitima dos mesmos; a saber: que existe certa e determinada relação entre as condições do cerebro e as manifestações da intelligencia. Porém os materialistas, pondo em jogo uma

logica especial para seu uso, affirmam além d'isso que a intelligencia ou o pensamento é o simples movimento material do cerebro, ou uma secreção do mesmo, deducção que se acha evidentemente fóra das premissas, e deducção evidentemente sophistica, por isso que confunde e identifica a condição com a cousa condicionada, a relação entre duas cousas com a sua identidade, a condição prévia de uma cousa com seu principio gerador.

Que oppoem a isto a philosophia e o senso commun? 1.º que a experiencia externa e a observação sensível, só provam que existe uma correlação mais ou menos completa entre o cerebro e a intelligencia; 2.º, que esta relação positiva como é no homem, pôde não ser absolutamente necessaria com respeito a seres ou substancias superiores ao homem, em quem esta relação pôde trazer sua origem da união da alma com o corpo e suas condições especiaes; 3.º, que em todo o caso a natureza propria do pensamento não deve regular-se nem definir-se por essa simples correlação e concumitancia de funções, senão pelos caracteres, propriedades e attributos que a consciencia ou o senso intimo, tão digno de fé, pelo menos, como a experiencia sensível e externa, nos revela na intelligencia; caracteres e attributos que por certo nada têm de commun com os caracteres e attributos da força nem do seu movimento. Os partidarios do materialismo sabem-no demasiado, e por isso se guardam muito bem de contestar as allegações do espiritalismo em ordem á incompatibilidade de sua theoria com a simplicidade, a permanencia, e sobre tudo a unidade indivisível e consciente.

As indicações que n'este paragrafo e no anterior deixamos consignadas acerca dos processos empregados pelo materialismo para chegar ás suas theses fundamentaes, demonstram que estes processos, sobre serem mui pouco scientificos, acham-se em plena contradicção com os principios que o materialismo proclama como essenciaes e como os unicos aceitaveis para a sciencia. Por uma parte rechaza todo o processo *apriori* e toda a affirmação que não se ache demonstrada por uma experiencia directa, immediata e precisa; ao passo que lhe temos visto tirar as consequencias mais remotas, mais illegitimas e mais estranhas das premissas experimentaes que punha, tanto na these atheista como na these relativa ao pensamento. Temos-lhe visto empregar os sophismas mais vulgares, confundindo e identificando a successão com a geração, a condição com o principio gerador, a relação com a causalidade officinante. Temos-lhe vis-

to empregar o sophisma não menos vulgar do inferir ou deduzir a carencia geral da idéa divina na humanidade, do facto da sua carencia problematica por parte d'algumas tribus e povos mais ou menos selvagens; e isto sem contar o *specimen* de logica excepcional que sustenta a negação de Deus e de sua existencia real, em virtude da negação e não existencia das idéas innatas.

O simples é o principio do composto, nos diz o materialismo; e para demonstrar este axioma, sobre o qual pretende architectar todo o seu edificio, nos diz com ar de triumpho: «Vede-o»: a experiencia attesta que é uma lei universal o processo do imperfeito ao perfeito, do simples ao composto: as forças phisicas e chemicas são precedidas pela extensão e força mechanica: a vida succede ás forças chemicas, a sensação á vida, a intelligencia á sensação. Pois bem: concedamos tudo isto, tal qual' o affirma o materialismo: que resultará logicamente d'aqui? Nada absolutamente que possa chamar-se demonstração da these materialista. A vida presuppõe, como condição, os phenomenos phisicos e chemicos; a sensação ou a vida sensitiva presuppõe a nutritiva e vai acompanhada d'esta; a vida intellectual presuppõe e include a sensitiva; porém a logica e tambem o senso commun não permitem inferir d'aqui que as forças chemicas são a causa ou o principio gerador da vida, esta da sensação, e a sensação da intelligencia. Ha mais, todavia: se os materialistas se limitassom ás induções subministradas pela experiencia e pelos factos, como o proclamam sem cessar, concluiriam mais logicamente que existe uma differença radical, absoluta, primitiva e essencial entre essas forças completas, que elles se empenham de converter em transformações e modificações d'uma força simples. Observemos o que se verifica em um animal: em quanto conserva a vida, os movimentos mechanicos, phisicos e chemicos das moléculas, que compoem o seu corpo, se acham submettidos e como sujeitos á força vital, a qual absorve em certo modo e impede mais ou menos as manifestações proprias e peculiares das forças phisicas e mechanicas, como se vê na circulação do sangue. Quando na morte desaparece a força vital, as moléculas ficam sujeitas de novo ás leis geraes das forças mechanicas, phisicas e chemicas. Se pois o principio vital ou a força animal tem poder sufficiente para absorver, suspender em certo modo a acção, d'essas forças inferiores, não é facil conceber que seja um resultado das mesmas, ou um effeito das forças elementares. Logo o materialismo

contemporaneo, ao affirmar que a sensação é uma derivação da vida, e esta um effeito das propriedades phisicas e chemicas da materia, além de prescindir da logica, pretende explicar um facto por meio d'uma pura hypothese, e o que é mais ainda, por meio d'uma hypothese muito pouco em harmonia, e até contrariada pela mesma experiencia, ou pelo methodo experimental e positivo, unica fonte, e criterio exclusivo de verdade para o materialismo contemporaneo. Affirmar e suppôr, como o tem feito o positivismo materialista, que a escala dos seres é o resultado de sua transformação interna e insensível, é affirmar o mesmo que está em questão, é confundir e identificar a lei da continuidade com a lei da evolução. O transito da materia elementar á vida, e sobre tudo a *passagem d'esta á consciencia e ao pensamento, são e serão sempre o escolho do positivismo*, o qual faltando á sua divisa sciontificica, nos dá *hypotheses* em lugar de *factus experimentaes*.

(Continua)

ZEPHERINO GONÇALVES.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Na praça da Concordia.

Ao cahir da tarde d'um esplendido dia d'agosto, atravessava eu o jardim das Tuileries, quando, ao sahir pelos bronzes portões dourados d'aquelle delicioso passeio, dou de rosto com o mais surpreendente panorama que creio é licito a olhos humanos contemplar.

No extremo horisonte o sol, prestes a submergir-se, espargia ondas de luz que, reflectindo-se de mil modos, franjava as nuvens d'uma infinidade de côres phantasticas, semelhantes a torrentes de rubis, opalas, topacios e saphiras fundidas pelos raios d'aquelle immenso foco de calor, e a brilhante estrella vespertina apenas se divisava cravada no firmamento.

Dir-se-hia que o rei dos astros, no seu adeus ás plagas occidentaes, esgotára os infinitos recursos da sua palheta descomunal para nos dar o mais bello sol-poente de que só Claudio Loreno, o Raphael da paysagem, nos seus inimitaveis *occosos* sabia ser o intérprete.

Era n'este admiravel fundo de magnifico quadro natural que em alto relevo se desenhava o mais sumptuoso arco de triumpho, que as gerações tem erguido aos seus grandes homens.

O arco da Estrella, pelos seus famosos

grupos, cheios de expressão, pelo aprimorado trabalho de suas esculpturas, pela nobre e correcta simplicidade alliada á mais perfeita unidade, é digno monumento levantado a essas hostes aguerridas, conduzidas á victoria pelo mais árido e esforçado capitão de que a França coeva se ufana. Os Campos Elysios, esse paraíso terreal do homem decahido, orlados por dous renques de grandiosos palacios, cortados por estradas e passeios marginados de viçosissimo arvoredado, adornados por phantasticos jardins e caprichosos repuxos d'agua, e regorgitando de vida e animação á hora do crepusculo, são a cadeia d'ouro que ligam o magestoso arco á mais bella praça do mundo.

Os cavallos de Marly collocados entre a praça da Concordia e a soberba avenida parecem morderem-se de furia por se verem retidos no seu molde de granito, não podendo assim, a maneira dos seus similhautes de carne e osso, levar sob o flexivel dorso a graciosa e elegante amazona que, como rainha triumphante, volta das suas corridas favoritas em torno dos lagos do Bosque de Bolonha.

Ao meio da praça eleva-se um mysterioso monolitho, o famoso obelisco de Luxor, repleto de jeroglificos, que bem patentenciam a sua procedencia do paiz das pyramides, e das sphinges, flanqueado por duas fontes, ornadas de tritons, nereidas e numerosas figuras allegoricas, jorrando agua em artificiosas combinações do mais seductor effeito.

Aos angulos, as oito estatuas colossaes de formosas heroínas symbolisam as mais industriosas e importantes cidades da França, tendo a de Strasburgo pendente do regaço uma grande coron de perpetuas rociada com as lagrimas d'uma profunda saudade.

Vinte columnas rostracs ricamente ornamentadas, sustentando dezenas de globos projectam essa bella luz electrica, cujo poder illuminante parece querer competir com a luz do dia.

N'um dos eixos da praça estende-se a elegante ponte da Concordia, rematada do outro lado do Sena pela classica fachada do Corpo Legislativo, em posição symetrica á qual se divisa a celebrada igreja da Magdalena, que só tem para mim o simples defeito de ser a cópia d'um templo pagão, em despeito da mystica architectura gothica, uma das mais brilhantes manifestações do christianismo nas bellas-artes.

Enquanto, porém, estava todo absorvido na contemplação de tantas maravilhas, que se me offereciam á vista, de repente me vem á mente as tragicas scenas

de que esta praça foi testemunha, e o meu espirito, como batido por violenta procella, estalou de dor.

Começara o anno de 1793, de nefasta recordação, e a 11 de janeiro, dia escripto com letras de sangue nas páginas enludadas da história, subia os degraus do patibulo infame aqui erguido pela demagogia em nome da fraternidade, o reimartyr, cujo unico crime era a sua muita bondade. Quando prestes a entregar a alma nas mãos do Creador, o illustre descendente de S. Luiz, á imitação do Divino-Martyr, soltava estas palavras, da mais incendida caridade: «*Francezes, eu morro innocente; perdão a meus inimigos; desejo que a minha morte.....*» e a ultima phrase foi cortada pelo som cavo do rufar dos tambores e pela vozzeria d'uma plebe ignara e dissoluta, que em altos brados e meneando os lenços embebidos no sangue da victima, exclamava: «*Viva a republica, viva a nação.*»

Estava inaugurado o reinado do terror, e milhares d'innocentes caíram debaixo do cutello homicida do algóz.

Danton, Robespierre, Marat e Saint Juste eram os idólos d'um povo corrompido até a medulla, e as proscricções, o assassinio, o roubo e o incendio serviram de argamassa para consolidar os principios da Convenção.

Guerra, guerra de exterminio ao que haja de mais nobre sobre a terra, levada até os umbraes do infinito banindo Deus do universo e do coração dos povos!

E cumpriu-se a terrivel prophesia de Bauregard!

Sim, vossos templos, Senhor, foram despojados e destruidos pelo camartello da impiedade, vosso culto abolido, e vosso nome blasphemado! Canções livres até á lubricidade substituiram os canticos sagrados que em vossa honra eram entoados, e a infame divindade do paganismo, a impudica Venus, assentou-se no lugar do Deus vivo, no throno do Santo dos Santos, recebendo o abominavel incenso de seus adoradores!

E tudo isto em nome da liberdade, igualdade e fraternidade!!

E' que os transviados espiritos de 93 nem a propria significação das palavras deixaram de inflicionar e corromper.

Pelo santo nome de liberdade, outorgada aos homens pela redempção, quiseram significar a licença; ao odio de morte aos defensores da ordem, da justiça e da religião, deram por irrisão o nome de fraternidade; e ao proletario e ignorante calcando aos pés a aristocracia do talento, do sangue e da virtude, chamaram igualdade!

E é com estes motores que ainda hoje muitos espiritos querem fazer andar o carro do progresso, alcançando-os de poderosas alavancas de civilização!

Santo Deus, quando virá o dia em que um raio da vossa luz divina desça sobre suas intelligencias, para as esclarecer, e a vossa graça sobre seus corações, para os regenerar?

Ainda dominado por estes graves pensamentos que feriam minh'alma, eis que uma suave harmonia chega aos meus ouvidos, despertando-me d'este profundo cogitar.

Era com a abertura de *Rienzi* de Wagner que o maestro Arban dava principio ao concerto de *l'Orangerie* no jardim das Tuileries.

Apressei-me pois a comprar um bilhete d'entrada, afim de temperar o espirito nas deliciosas emoções da arte em que se immortalisaram Meyerbee e Mozart, Verdi e Rossini.

E, em verdade, que outra cousa existe sobre a terra, mais propria do que a musica, para acalmar a febre que n'um momento de indignação nos devora?

O indefinido e vago de cada nota é um echo do nosso espirito, um sonho doirado que acalentamos, um candido sentimento que nutrimos, uma affeição que nos é cara; e a fada das harmonias e melodias derrama gota a gota sobre nossas almas a paz que anceavamos.

P.º F. SANCHES

## RETROSPECTO DA QUINZENA

Percorrendo as columnas dos jornaes estrangeiros, que diariamente recebemos, a nossa admiração sobe de ponto em face de tantos attentados, de tamanha cadeia de crimes, a que nos parece não estar soldado ainda o ultimo elo.

Parece que o internacionalismo, essa sociedade nefanda, creada á sombra dos fetidos subterraneos onde medra tambem o maçonismo, esse irmão da mesma seita, pretende arrancar todas as instituições, ainda as mais venerandas, para mostrar ao clarão do incendio a bandeira vermelha, hasteada sobre as ruinas da sociedade presente.

Este estado de atroz anarchia inspirou a um jornal belga, a *Cloche*, entre outras as seguintes verdades, que extractamos d'um artigo que dirigio ao rei:

«Senhor: na Belgica, como na Alemanha; na Russia, como na Italia e na Hispanha, o socialismo colhe os fructos do liberalismo

Em 1878 é o socialismo que quer

assassinar os reis, assim como os reis teem querido assassinar a Egreja.

Quem defenderá V. M.? Quem o livrará dos tiros e dos punhaes dos socialistas? Quem estará ao lado de V. M. na occasião do perigo?

O liberalismo? Esse não, por certo, porque o liberalismo não soube defender o rei de Hispanha, nem o imperador d'Allemanha, nem mesmo o rei de Italia. O liberalismo não, porque esse não soube defender a V. M. dos insultos que a canalha grosseira veio dirigir-lhe publicamente por baixo mesmo das janellas do palacio real.

Quem permanecerá, pois, fiel ao lado do rei?

A Egreja, o clero, o povo catholico belga, com todas as veras de sua alma, com todo o seu coração; porque entre elles não ha assassinos, não ha republicanos, não ha socialistas, não ha atheus. Na hora do maior perigo a Egreja, o clero e o povo catholico estarão ao lado de V. M.»

E' assim que a imprensa devêr fallar aos reis; é assim que a imprensa cumpria a missão de que está encarregada.

A *Germania*, de Berlim, que recebemos ha dias, publica o seguinte decreto:

«O ministro de Estado, em virtude da lei de repressão contra os socialistas, e com a sanção do conselho federal, decreta:

1.º Fica em vigor durante um anno o artigo que ordena a expulsão de todos os individuos que compromettem a ordem publica, não podendo residir em Berlim nem mesmo nos districtos visinhos.

2.º Fica igualmente prohibido o uso d'armas, a venda de materias inflammaveis e projectis, tanto em Berlim, etc., etc.»

Não seria melhor que o governo altemão desse plena liberdade aos bispos, para que estes podessem instruir o clero no modo de libertar o povo da rede em que o atheismo o tem preso? Não seriam de mais proveito para as turbas estupidalizadas pelas idéas anti sociaes as verdades do christianismo, do que o espectáculo repelente que offerece uma cabeça rolando por sobre o tablado do patibulo? Deixem aos governos entrar desassombradamente nas escolas as verdades eternas, e o patibulo será desnecessario, desnecessarias as deportações.

Parece, em vista das ultimas noticias, que as grandes potencias tratam

de se colligarem a fim de dar caça aos socialistas.

Verificou-se em Inglaterra uma conversão, que tem causado uma sensação espantosa.

O snr. Orby Shibly, o mais celebre e por sem duvida o mais sabio d'entre os ritualistas inglezes, abjurou seus erros e entrou no gremio da Egreja Catholica.

O snr. Orby Shibly é senhor d'uma grande fortuna, e crê-se geralmente que o seu proceder será seguido por muitos homens da alta esphera social.

E' assim que Deus confunde os propagandistas do erro.

Os telegrammas que a imprensa estrangeira publica, dizem que a policia se apoderou em Hamburgo de duas caixas de bombas Orsini.

O *Fremdenblath*, de Vienna, annuncia haver-se descoberto uma vasta conspiração para assassinar todos os monarchas da Europa.

O *Tagblat* acrescenta que esta noticia foi confirmada por muitos personagens que formam parte do governo austriaco.

O *Univers*, de Paris, publica uma carta escripta de Italia e recebida em Paris por um alto personagem, em que se lê: «A morte do rei está decretada. O porvir pertence á republica universal.»

Em vista d'estas noticias, vê-se que o socialismo não descauca, e que será tarde, talvez, para os governos lhe cortarem a passagem.

Encontramos nos jornaes de Madrid a noticia de que um comboyo recebera na sua passagem uma formidavel descarga, e que as auctoridades tratavam de descobrir os auctores de tal attentado.

## EXPEDIENTE

Aos srs. assignantes, cujas importancias estão satisfeitas, enviamos a cinta do periodico com a seguinte declaração:

«A assignatura de V. Exc.ª está paga até ao dia 15 d'outubro de 1879».